

PROMOVENDO A SENSIBILIZAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE ECOLOGIA E DO BIOMA MATA ATLÂNTICA EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO PARA USUÁRIOS DO PARQUE ESTADUAL DUNAS DO NATAL.

Erivelton Barbosa de Oliveira ¹

Leonardo Barbosa da Silva ²

Tálita Juliane Vicente da Silva ³

Orientadora: Anileide Gomes Leite Galvão ⁴

RESUMO

Este projeto foi desenvolvido no Parque Estadual Dunas do Natal Jornalista Luís Maria Alves, com o objetivo de sensibilizar e conscientizar os usuários sobre a importância da preservação do meio ambiente a partir do próprio parque, visando a conservação de sua biodiversidade. A atividade foi iniciada com um momento de palestra de conscientização sobre: garantir a preservação e a conservação dos serviços ambientais prestados por seus ecossistemas naturais; proteger recursos genéticos da fauna e da flora nativa, resguardando sua biodiversidade; possibilitar a realização de estudos, pesquisas, trabalhos de interesse científico e de monitoramento; preservar sítios de valor histórico e geomorfológico; oferecer condições para lazer, turismo ecológico e realização de atividades educativas e de conscientização ecológica, seguida de aplicação de questionário como meio de coleta de dados. Ao final, pudemos observar que grande parte dos entrevistados desconhecem as características do bioma e ainda que conheçam a importância da educação ambiental, pouco fazem pelo meio ambiente. Com isso, é importante que trabalhos voltados para a conscientização ambiental continuem sendo desenvolvidos de forma a atingir públicos cada vez maiores capazes de modificar suas concepções de responsabilidade ambiental.

Palavras-chave: Sensibilização, Ensino não formal, Ecologia, Mata atlântica, Turismo Ecológico.

INTRODUÇÃO

É sabido que o ensino de botânica sofre com o desinteresse dos discentes, culminando ainda mais com a falta de interesse dos professores em lecionar tal conteúdo; que muitas vezes não possuem formação e habilidades aptas a desenvolver aulas atrativas abordando esta temática. De acordo com (SANTOS; 2006), esse desinteresse na área botânica se dá tanto em leigos quanto em estudantes, uma vez que pouco é vista durante o ensino fundamental e médio em consequência das limitações dos profissionais docentes quanto aos métodos para se

¹Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Facex - UNIFACEX, erioliveira37@gmail.com;

²Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Facex – UNIFACEX, leonardobarbosa18@hotmail.com;

³Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Facex – UNIFACEX,

⁴ Orientador: Dr^a Anileide Gomes Leite Galvão, Centro Universitário Facex – UNIFACEX, anileide@facex.edu.br

trabalhar com o conteúdo e despertar o interesse de seus alunos. Deste modo, informações como desmatamento, desequilíbrio ambiental, abrigo de diversas espécies de animais, descarte adequado do lixo, dentre outras, vão sendo esquecidas e gerações futuras vão se prejudicando cada vez mais.

Podemos nos perguntar: “De que me serve a botânica no dia a dia? Por que eu deveria plantar uma árvore?”. Esse tipo de questionamento está inteiramente ligado ao fato de que os indivíduos desconhecem a importâncias dos organismos vegetais para a vida dos seres vivos ou simplesmente, não os percebem no meio em que vivem. Para isso, (WANDERSEE; SCHUSSLER, 2002) criaram o termo "Cegueira botânica" referindo-se a essas pessoas, como forma também de justificar o não reconhecimento da importância das plantas e ainda, o não cuidado com a preservação e manutenção dos ambientes naturais.

Considerando o cenário degradante do meio ambiente, é importante a busca por ideias que possam amenizar os impactos. Para isso, deve-se considerar que a conscientização ambiental é essencial no processo de sensibilização dos indivíduos para que então, os mesmos mostrem-se dispostos a mudar sua forma de pensar e agir, trabalhando em conjunto com sua comunidade com o intuito de proporcionar o bem comum (GUMES, 2005). Tais mudanças, segundo (MEDEIROS; RIBEIRO; FERREIRA, 2011), precisam ser incentivadas desde os primeiros anos de vida para que os indivíduos consigam reconhecer que fazem parte do meio ambiente, conhecendo seu valor e aprendendo a incluir, no seu dia a dia, práticas que favoreçam a preservação e manutenção do mesmo.

Quando visto a biodiversidade dos biomas brasileiros “o Brasil detém 13% da biodiversidade mundial e tem a mais vasta biota continental da face da terra e com dois hotspots (área prioritária para conservação, com alta biodiversidade e muito ameaçada), que são o Cerrado e a Mata Atlântica” (Medeiros et al., 2011 apud, (VERDELONE; CAMPTEL; ALEXANDRINO, 2019 p. 4685).

O processo de conscientização ambiental é algo que pode ser estruturado em todo e qualquer espaço, seja ele o ambiente escolar, ou ambientes não formais de ensino. De acordo com (FREITAS; BERNARDES, 2013), tais espaços podem ser utilizados como um meio que favorece a construção da cidadania a partir do processo de ensino e aprendizagem crítico e reflexivo. Esses ambientes proporcionam aos educandos observar o meio em sua forma natural, deixando de lado as imagens abstratas e muitas vezes distantes da realidade que são passadas em conteúdos na sala de aula. Os autores (FERREIRA, 2005), e (SMITH, 1995) destacam que, a conscientização implica, além de outros aspectos, a faculdade humana de

estabelecer julgamentos acerca dos atos, requerendo conhecimento que possam sensibilizar e impressionar, considerando que o processo de conscientização é algo complexo e decorre da sensibilização (SMITH, 1995).

Tendo em vista que o Parque Estadual Dunas da cidade de Natal é uma das maiores reservas de mata atlântica do estado do Rio Grande do Norte, sendo possível encontrar mais de 250 espécies da fauna e flora em conservação direta, além de estudos direcionados e com a estimativa de aproximadamente 500 visitantes por dia, os quais utilizam o ambiente para práticas de diversão e lazer (IDEMA, 2013). Com este exposto o presente trabalho teve como objetivo sensibilizar e conscientizar, a partir do ato de comunicar e informar os usuários do parque, sobre a importância da preservação e conservação do ecossistema local, e as relações interpessoais e ambientais com cada indivíduo.

METODOLOGIA

Esta proposta foi desenvolvida no Parque Estadual Dunas do Natal Jornalista Luís Maria Alves; localizada na Avenida Alm. Alexandrino de Alencar, s/n - Tirol, Natal – RN. Onde foram aplicados questionários com quarenta e quatro visitantes presentes no local.

Antes do início das atividades foi elaborado um cronograma de trabalho junto aos responsáveis pelo parque. Sendo desenvolvido um questionário com nove questões básicas, onde os visitantes responderiam sobre o bioma da mata atlântica, sua fauna e flora, e quais medidas poderiam ser adotadas para a preservação desse meio. Para a execução da atividade em questão, foram necessários um encontro com dois momentos.

Noprimeiro momento foi solicitado que os visitantes respondessem ao questionário com base em seus conhecimentos prévios de flora e fauna, referente ao bioma presente no local. Na abordagem inicial foi comunicado o objetivo da atividade proposta para levantamento do material, no decorrer do horário foi desenvolvido um diálogo sobre a importância geral do parque para os assuntos abordados no questionário.

Para o segundo momento foi organizada uma explicação para discutir um pouco do que é mata atlântica e sua importância para a melhoria e manutenção da vida, focando na sensibilização para ajudar a dissipar o aprendizado. Foi montado um estande no centro do parque com imagens do mesmo e alguns animais nativos, além de desastres como o ocorrido em Mariana e Brumadinho, enaltecendo mais uma vez a importância de cuidar e preservar o meio, uma vez que degradado e extinto jamais será recuperado.

DESENVOLVIMENTO

O Parque Estadual Dunas do Natal é uma reserva ambiental muito frequentada por moradores da cidade do Natal e turistas que visitam a cidade. Porém, apesar de muito frequentado, as pessoas não têm conhecimento do seu valor para o meio ambiente.

No Brasil a educação ambiental foi regulamentada pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que define seus princípios básicos, incorporando oficialmente a Educação Ambiental nos sistemas de ensino quanto à necessidade e urgência de uma educação ambiental mais eficaz, que inicie na infância e continue acontecendo por toda a vida, (BRASIL, 1999).

Segundo a (UNESCO, 2005 p. 44), “Educação ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservar, preservar e administrar seus recursos adequadamente”. A escola a muito tempo deixou de aprofundar o assunto e ser considerada a única responsável por tal tarefa, uma vez que esta instituição sozinha não é capaz de transmitir todo o conhecimento científico acumulado pelo ser humano ao longo dos séculos (GASPAR, 1993).

A capacidade de estabelecer uma educação eficaz diminui ainda mais se direcionado toda essa responsabilidade somente a escola, ainda que a mesma repasse conceitos importantes para o desenvolvimento pessoal e cognitivo dos indivíduos, cujo processo, o que por si só, já demanda uma grande quantidade de tempo. Portanto, é de suma importância considerar outras formas em que todos continuem a aprender mesmo depois que se termina a formação ligada à instituição básica de ensino, possibilitando não somente a transmissão de conceitos, como também difundindo perspectivas críticas e reflexivas relacionadas a pauta ambiental (FREITAS; BERNARDES, 2013).

Desse modo, surgem outros métodos de ensino e espaços diferentes que vem assumindo o papel de educar cientificamente a população. Assim, além da escola onde é considerada como espaço formal de educação, com esse passar de tempo surgiram vários outros espaços como: centros de ciências, museus de história natural, zoológicos, jardins botânicos, parques nacionais e vários outros que hoje são chamados de espaços não-formais e para cada espaço proposto, tem-se diferentes métodos de repassar conhecimento.

Esse trabalho analisa a importância dos espaços não-formais para o ensino de ecologia. Tais espaços configuram-se como ferramentas úteis para a promoção de uma

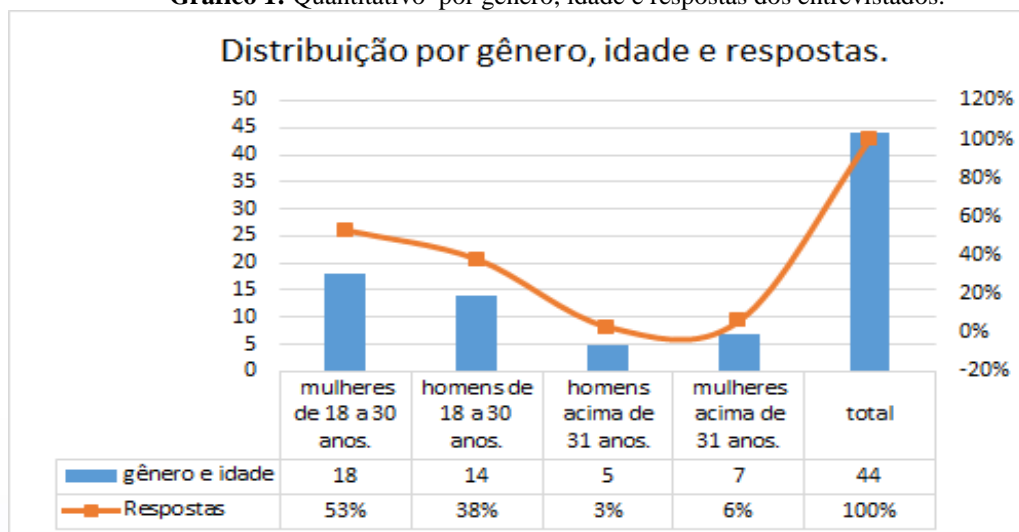
sensibilização efetiva, uma vez que permitem a visualização de conceitos e despertar de sensações de forma prática. Entretanto, é necessário que hajam estratégias para despertar a atenção dos usuários do espaços, de forma que a atividade de sensibilização possa atingir resultados satisfatórios (QUEIROZ et al. 2017).

Nesse sentido, questionário é um recurso metodológico simples que visa coletar dados dos entrevistados de forma rápida e objetiva. Tal ferramenta possibilita averiguar os conhecimentos prévios trazidos pelos usuários dos ambientes não formais e, a partir dos mesmos, reformular conceitos equivocados e promover uma perspectiva crítica com relação a aspectos de conversação ambiental. Segundo (TORRES; OLIVEIRA, 2008), analisar a percepção ambiental dos indivíduos é um subterfúgio fundamental para o desenvolvimento de projetos de sensibilização mais eficazes, bem como tornar possível a adequação da abordagem ao perfil dos usuários do ambiente em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade teve seu desenvolvimento no dia 25 de maio de 2019, onde foram feitas perguntas às pessoas que estavam no parque. As perguntas estavam relacionadas a conscientização ambiental, relacionados a conhecimentos aparentemente simples, os quais esperava-se que todos tivessem e colocassem em prática. Ao todo, 44 pessoas se disponibilizaram a participar da atividade proposta, onde fora possível observar o predomínio de indivíduos do sexo feminino. Mais de 27% dos indivíduos compõem a faixa etária acima de 31 anos, e cerca de 73% está na faixa de 18 à 30 anos, de acordo com gráfico 1.

Gráfico 1: Quantitativo por gênero, idade e respostas dos entrevistados.



Fonte: Autores.

Durante a intervenção foi percebido que mesmo nas perguntas mais simples, como “O que podemos fazer para evitar a degradação da mata atlântica e biomas nativos?”, houve pessoas que não sabiam responder ou responderam com dúvidas. Isso causa preocupação, pois são coisas que todos devem ter conhecimento e atitudes pequenas que promovem a preservação do ambiente onde vivemos.

Mesmo a Mata Atlântica tratando-se de um dos biomas predominantes do no bioma local, sendo essencial para a vida de inúmeros organismos e berço de espécies que só podem ser encontradas aqui, a maioria das pessoas não conhecem a sua importância, e o quanto é necessário realizar a preservação de áreas onde elas podem ser encontradas, como o Parque das Dunas. Isso nos mostra que mesmo sabendo a necessidade de preservar o ambiente onde vivemos e tendo o conhecimento das maneiras de realizar essa prevenção, as pessoas preferem continuar acomodadas, esperando que outros tomem as atitudes que elas deveriam tomar, mesmo que o cuidado com o planeta seja responsabilidade de todos.

As discussões sobre a problemática ambiental proporcionou também o debate sobre as questões relacionadas a falta da mata atlântica e natureza aos arredores da cidade, visando pelo modo dos desastres ambientais e mudanças climáticas. Assim, tentando sensibilizar a sociedade para as questões ambientais, levando-o para um choque de realidade com uma percepção crítica e reflexiva sobre a complexidade vinculada aos vários problemas que afetam o ambiente nos dias de hoje. Percebe-se que existem dificuldades quanto a percepção ambiental e as interações com o ambiente por parte até mesmo de indivíduos que convivem cotidianamente com ambientes sem conhecê-los (MARIN,2008).

O parque das dunas hoje ainda sofre com pensamentos e modos de agir social de pessoas que não tem o conhecimento prévio sobre preservação, o modo a sensibilização entre onde o ser humano se enxergue como principal agente de transformação e multiplicador dos conceitos ambientais e de degradação não do parque das dunas como do meio ambiente de um todo.

Nesse contexto se faz necessário trabalhar a educação ambiental desde os anos iniciais para que os cidadãos possam ser sensibilizados desde cedo afim de se tornar adultos mais conscientes, (JEOVÂNIO; CARDOSO, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que durante o desenvolvimento do trabalho, as pessoas que frequentam o parque mostraram interesses nas atividades e nos assuntos abordados, porém não estavam muito familiarizados a respeito do impacto que o bioma de mata atlântica traz a nossa sociedade. Os resultados foram mais negativos a respeito do conhecimento do bioma, como sua fauna, flora e suas características. Porém muito positivo a respeito de preservação e a conscientização ambiental. O local que foi escolhido para a realização deste trabalho possibilitou o desenvolvimento das atividades de uma forma mais impactante tendo em vista que as pessoas tinham contato direto com o que foi apresentado.

Houve um grande proveito em trabalhar essa questão ambiental com os visitantes já que se foi mostrado os problemas do desmatamento que pode tornar-se um problema que afeta a todos. As atividades realizadas que foram planejadas alcançaram os objetivos propostos pelo projeto de pesquisa.

No entanto observa-se que o público envolvido enfrentou certa dificuldade em relação aos conhecimentos básicos sobre meio ambiente, indicando que existem precariedades quanto ao aprendizado em educação ambiental.

REFERÊNCIAS

BRASIL; BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999: Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, v. 79, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm> Acesso: 02 nov. 2019.

FERREIRA, A. B. de H. Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2005.

FREITAS, Bruno de; BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira. Educação ambiental: ações educativas em espaços não formais. In: XI CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 9., 2013, Curitiba. **Anais...** . Curitiba: Educere, 2013. p. 1 - 19.

GASPAR, Alberto. Museus e centros de ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico. 1993. Tese (doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

GUATTARI, F. As três ecologias. 21. Ed. Campinas: Papirus, 1990. GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. 10. Ed. Campinas: Papirus, 1995.

GUMES, Susan Mara Lacerda. CONSTRUÇÃO DA CONSCIENTIZAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL: FORMULAÇÕES TEÓRICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE MODELOS DE TRABALHO. **SciELO**, Bahia, v. 15, n. 32, p.345-354, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n32/04.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

IDEMA. Parque Estadual Dunas do Natal. Disponível em <<http://www.idema.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=941&ACT=&PAGE=&PARM=&LBL=MAT%C9RIA>> Acesso em 02 abril de 2019.

JEOVÂNIO-SILVA, Vanessa Regal Maione; JEOVÂNIO-SILVA, Andre Luiz; CARDOSO, Sheila Presentin. Um olhar docente sobre as dificuldades do trabalho da educação ambiental na escola. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 9, n. 5, p. 256-272, 2018.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em educação ambiental**, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva; RIBEIRO, Maria da Conceição Marcolino; FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda. Meio ambiente e educação ambiental nas escolas públicas. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 92, set 2011.

QUEIROZ, Ricardo et al. A CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 4, n. 7, p. 12-23, abr. 2017. ISSN 1984-7505. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/20>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

SANTOS, F. S. A Botânica no Ensino Médio: Será que é preciso apenas memorizar nomes de plantas?

SMITH, J. C. Environmental education: a view of a changing scene. In: **Environmental Education Research**, v. 1, n. 1. 1995.

TORRES, Denise Freitas; OLIVEIRA, Eduardo Silva. Percepção ambiental: instrumento para educação ambiental em unidades de conservação. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 21, 2008.

VERDELONE, Telma Helena; CAMPBELL, Glaziele; ALEXANDRINO, Camilla Ribeiro. Trabalhando educação ambiental com turmas do ensino fundamental I/Working environmental education with classes of elementary education I. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 6, p. 4675-4687, 2019. Disponível em: <<http://brjd.com.br/index.php/BRJD/article/view/1666/1587>> Acesso: 02 nov. 2019.

UNESCO. Década das Nações Unidas da Educação para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação. –Brasília: UNESCO, 2005. 120p.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, v.47, p.2-9, 2002.